



Aspectos Históricos e Organizacionais da Agricultura Familiar no Desenvolvimento da Região Nova Alta Paulista

Leonardo de Barros Pinto¹
Ana Elisa Bressan Smith Lourenzani²
Wagner Luiz Lourenzani³
Julianna Coracini Mochiuti⁴

Resumo

A região Nova Alta Paulista, cuja ocupação é recente, é uma das mais carentes do estado de São Paulo. Apesar da forte aptidão para o agronegócio, o desenvolvimento das cadeias produtivas agroindustriais na região é bastante heterogêneo. O trabalho teve como objetivo analisar como a trajetória histórica e os arranjos organizacionais na agricultura familiar têm contribuído para o desenvolvimento regional promovendo melhorias de bem-estar social e material na região Nova Alta Paulista. Para tal, foi analisado o caso da Associação Agrícola de

Recebimento: 8/7/2011 • Aceite: 9/11/2011

¹ Doutor em Engenharia Agrícola pela Universidade Estadual de Campinas (2005), na área de Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável, em estudos Sócio-Ambientais. Professor Assistente Doutor da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP. End.: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus Experimental de Tupã. Av. Domingos da Costa Lopes, 780 - 17602-496 - Tupã, SP - Brasil. E-mail: leoxbp@gmail.com

² Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de São Carlos (2006). Professora assistente da UNESP - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. E-mail: anaelisa@tupa.unesp.br

³ Doutor em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de São Carlos (2005). Professor assistente da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. E-mail: wagner@tupa.unesp.br

⁴ Graduanda do Curso de Administração e Agronegócios da UNESP de Tupã. E-mail: jucoracini@hotmail.com

Junqueirópolis – AAJ, organização que tem obtido êxito na busca por alternativas de produção agrícola. Integrados ao mercado local e global, tem assegurado a manutenção e reprodução de inúmeros agricultores familiares, bem como gerado externalidades positivas para toda a região. Ao exemplo desse caso, o arranjo organizacional baseado na cooperação pode ser uma alternativa adequada para agricultores familiares alcançarem patamares mais elevados de bem-estar e desenvolvimento.

Palavras-chave: Agricultura familiar, Desenvolvimento rural, Cooperação, Acerola

Family farming historical and organizational aspects of Nova Alta Paulista region

Abstract

Nova Alta Paulista region, with strong aptitude for agribusiness, is one of the poorest in the state of São Paulo. However, the development of agribusiness productive chains in the region is very heterogeneous. The study aimed at analyzing how the historical background and organizational arrangements in family farming have contributed to regional development by promoting improvements in social welfare at Nova Alta Paulista region. To this end, we analyzed the case of the Associação Agrícola de Junqueirópolis - AAJ, an organization that has been successful in the search for alternative of agricultural production. Integrated to local and global market, this organization has ensured the maintenance of many farmers and generated positive externalities for the entire region. Thus, this case shows the organizational arrangement based on cooperation can be an alternative for family farmers achieve higher levels of welfare and development.

Keywords: Family farming, Rural development, Cooperation, Acerola fruit

Introdução⁵

A região Nova Alta Paulista foi uma das últimas a ser ocupada no noroeste do estado de São Paulo. Nos últimos 80 anos surgiram inúmeras cidades, sobretudo, pautadas na expansão da ferrovia que estava fortemente ligada à cultura cafeeira. Com a crise dessa monocultura, seja pelo esgotamento dos solos, ou em razão dos aspectos mercadológicos e, ou, econômicos, esta região entrou em profunda crise. Considerada como uma das regiões mais prósperas do país nos anos de 1950, passou, recentemente, a uma das regiões mais carentes do estado. Como exemplo, pode-se citar que dos 100 municípios com menores Índices de Desenvolvimento Humano – IDH paulista, 12 encontram-se nesta região.

Devido às escolhas feitas pelos responsáveis pela gestão dos municípios e aptidões de clima e solo, além das influências culturais e das políticas macroeconômicas e setoriais, a região apresenta até hoje aptidão para o agronegócio. No entanto, o desenvolvimento das cadeias produtivas agroindustriais na região é bastante heterogêneo. Se por um lado, há cadeias com elevado nível de coordenação e eficiência, por outro lado, há cadeias descoordenadas e com elevado nível de assimetria de poder entre os agentes.

Nesse sentido, o objetivo principal é analisar como a trajetória histórica e os arranjos organizacionais na agricultura familiar têm contribuído para o desenvolvimento regional promovendo melhorias de bem-estar social na região Nova Alta Paulista. Para tal, buscou-se analisar o caso da Associação Agrícola de Junqueirópolis – AAJ, organização que tem obtido êxito na busca por alternativas de produção agrícola, destacando-se na produção de acerola. Buscou-se analisar como os mesmos estabeleceram relacionamentos fortes com instituições públicas e privadas, habilitando-os, inclusive, à inserção em mercados em distintas esferas, sobretudo para a cultura da acerola.

Metodologia

Esta é uma pesquisa de caráter exploratório, em que o método de coleta de dados é qualitativa. Para Cervo e Bervian (2002), o estudo

⁵ Resultado dos projetos de pesquisa: “O agronegócio da acerola na região Nova Alta Paulista: uma alternativa ao desenvolvimento regional?”, e “Arranjo produtivo local (APL) em fruticultura na região Nova Alta Paulista – SP: cooperando para o desenvolvimento”, ambos com recursos financiados pelo CNPq, processos 478169/2008-6 e 554307/2006-5, respectivamente.

exploratório se caracteriza como uma pesquisa quase científica, ou seja, o passo inicial para auxiliar na formulação de idéias, hipóteses, definir objetivos e familiarização com o fenômeno. Optou-se pelo estudo exploratório delineado em um mosaico científico, pela flexibilidade de planejamento, pois possibilita a consideração dos mais diversos aspectos de um problema ou situação; evidencia o tema e a necessidade de uma análise dos diversos aspectos da situação abordada, tanto em um aspecto descritivo quanto experimental.

Para atingir os objetivos propostos nesta pesquisa foi feita uma pesquisa bibliográfica para levantamento de dados secundários, em seguida, utilizado o estudo de caso. Boyd e Westfall (1987) consideraram a redução de custos e de tempo e a facilidade de obtenção como as principais vantagens do uso de dados secundários. Entretanto, a dificuldade de se encontrar dados que satisfaçam a necessidade do projeto é apontada como a principal desvantagem. Nesta pesquisa foram consultados dados publicados em periódicos, livros, dissertações, fontes de informações estatísticas, revistas de divulgação e sites da Internet acerca da evolução e dinâmica da região Nova Alta Paulista.

Em seguida, foi realizado um estudo de caso, sendo este um método qualitativo, cujo objeto de análise é uma unidade, que é analisada em profundidade. Esse método foi adotado devido à possibilidade de permitir compreender, através do acesso e obtenção de informação a partir de diferentes agentes, a dinâmica de funcionamento de uma organização de produtores familiares, a Associação Agrícola de Junquerópolis, sua evolução e reflexos no desenvolvimento regional. Além disso, o método permitiu um recorte temporal necessário para a análise.

A metodologia seguiu as seguintes etapas:

Etapa 1 – Revisão Bibliográfica

Nesta etapa foi feito o levantamento de dados secundários acerca da agricultura familiar e da trajetória histórica do agronegócio na região Nova Alta Paulista. Essas informações permitiram o direcionamento para etapas subsequentes.

Etapa 2 – Identificação do estudo de caso

Como parte crucial do processo de desenvolvimento da pesquisa, é necessária a delimitação do espaço de análise, ou seja, a definição do recorte analítico do trabalho. Assim, a partir das informações resultantes da revisão bibliográfica, o caso da Associação Agrícola de Junqueirópolis foi selecionado para um estudo mais aprofundado.

As unidades de análise que consistiram nesse estudo foram produtores familiares associados, representantes da associação em questão e diversos agentes envolvidos nas instituições de apoio – ambiente institucional. Todos os agentes foram escolhidos de forma intencional, não-probabilística. A identificação dos agentes se deu por meio de indicação dos órgãos públicos que atuam no ambiente institucional dessa cadeia como Coordenadoria de Assistência Técnica Integrada (CATI) e Secretaria de Agricultura do município de Junqueirópolis.

Etapa 3 – Elaboração dos roteiros de entrevista

Para a coleta de dados foram elaborados roteiros de entrevistas semi-estruturados elaborados de acordo com o segmento em que o entrevistado estava inserido.

Etapa 4 – Estudo empírico

As entrevistas com os agentes definidos na etapa anterior foram realizadas in loco. No elo da produção foram entrevistados 30 produtores de acerola, sendo 15 associados da Associação Agrícola de Junqueirópolis e quinze produtores independentes. Foram analisados ainda representantes do elo da distribuição, sendo um intermediário de comercialização, dois responsáveis pelo processo de comercialização da Associação Agrícola de Junqueirópolis, e três agroindústrias (2 locais e 1 regional). Os representantes do ambiente institucional foram: Secretaria de Agricultura de Junqueirópolis; CATI (Coordenadoria de Assistência Técnica Integral) – Junqueirópolis; Pesquisadora Izabel Castanha Gil; e SEBRAE-SP - Escritório Regional de Presidente Prudente.

Etapa 5 – Análise dos dados

As entrevistas foram transcritas, de forma a suprir teórica e experimentalmente os objetivos específicos. Os dados foram sistematizados, avaliados e, algumas considerações foram feitas e estão apresentadas ao fim do trabalho.

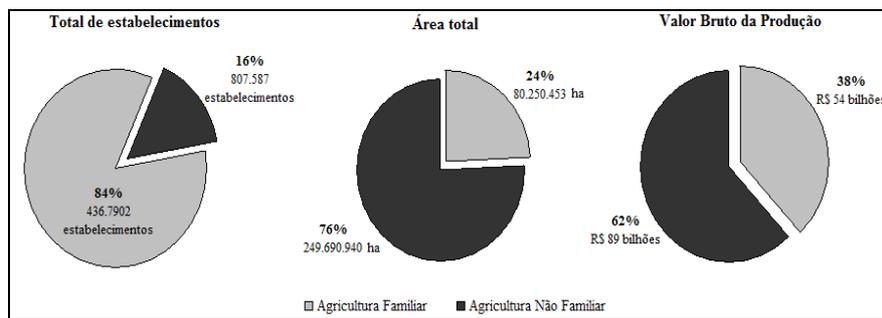
Importância sócio-econômica da agricultura familiar

A partir da evolução da agricultura familiar no decorrer dos séculos, sua importância é confirmada revelando crescente participação no desenvolvimento brasileiro. Guilhoto *et. al. apud* Carmo e Comitre (2009), efetuaram cálculos no que diz respeito à comprovação da contribuição expressiva da agricultura familiar para geração de riquezas ao Brasil. Entre os anos de 2002 e 2004, a participação do agronegócio na economia nacional, avaliada pelo Produto Interno Bruto (PIB), foi constante, responsável por cerca de

30% do total. Somente a agricultura familiar contribuiu com cerca de 10% do PIB total. Portanto, no período considerado, ressalta-se que aproximadamente um terço do agronegócio nacional está relacionado com a produção agropecuária familiar.

Segundo o Censo Agropecuário 2006, existem no Brasil 5.175.489 estabelecimentos rurais, ocupando uma área de 329.941.393 hectares. A agricultura familiar representa 84,4% dos estabelecimentos rurais e, apesar de ocupar apenas 24,3% da área total dos estabelecimentos agropecuários, é responsável por 38% do Valor Bruto da Produção (VBP) gerado (FIGURA 1). Seu VBP foi de R\$ 677/ha, que é 89% superior ao gerado pela agricultura não familiar (R\$ 358/ha).

Figura 1: Participação da agricultura familiar em 2006 - Total de estabelecimentos, Área total e Valor bruto da produção.



Fonte: Adaptado de Censo Agropecuário, 2006.

A agricultura familiar é responsável pelo fornecimento de alimentos básicos para a população brasileira, dentre eles: mandioca (87%), feijão (70%), milho (46%), café (38%), arroz (34%), trigo (21%) e soja (16%); além de ser considerada uma importante fornecedora de proteína animal, leite (58%), aves (50%), suínos (59%) e bovinos (30%) (IBGE, 2006).

Embora haja uma tendência de redução de pessoas ocupadas na agropecuária brasileira como um todo desde 1985, a agricultura familiar foi capaz de reter um maior número de ocupações que a agricultura não familiar. O número total de pessoas ocupadas na agricultura em 2006 era de 16,5 milhões e apenas a agricultura familiar foi responsável pela ocupação de 74,4% desse total (IBGE, 2006).

De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação – FAO – e o Instituto Nacional de

Colonização e Reforma Agrária – INCRA (1996), a agricultura familiar baseia-se em três características: a gerência da propriedade rural exercida pela família; o trabalho desempenhado em sua maior parte pela família; os fatores de produção pertencem à família e são passíveis de sucessão no caso de falecimento dos gestores.

Baseado nesses dados e pelo debate sobre desenvolvimento sustentável, geração de renda e manutenção dos empregos no campo, segurança alimentar e desenvolvimento local, a agricultura familiar vem ocupando lugar de destaque na discussão sobre o desenvolvimento brasileiro. Além disso, outra característica cada vez mais presente na agricultura familiar é a pluriatividade, onde os membros das famílias pertencentes ao meio rural realizam diferentes atividades. Considerada uma importante alternativa, visa ampliação ou complemento da renda, garantindo o sustento da família e proporcionando a permanência dessas no meio rural.

Segundo Feltre e Bacha (2009), o termo pluriatividade surge como uma forma de exprimir as atividades agropecuárias e não agropecuárias que os membros da família residente no meio rural passam a exercer no meio rural ou urbano. São consideradas pluriativas as famílias rurais que possuem pelo menos uma pessoa que trabalha em outro ramo de atividade que não seja a agropecuária.

A pluriatividade refere-se a situações sociais em que os indivíduos que compõem uma família, com domicílio rural, passam a se dedicar ao exercício de um conjunto variado de atividades econômicas e produtivas, não necessariamente ligadas à agricultura ou ao cultivo da terra, e cada vez menos executadas dentro da unidade de produção (SCHNEIDER, 2003). Com isso, a pluriatividade estabelece fortes ligações sociais, seja para a complementação de renda, permanência das famílias no meio rural, bem como assegura a produção de alimentos no campo.

A diversificação da produção ou do sustento rural, que segundo Ellis (2000), tem como objetivo tanto a sobrevivência, quanto a melhora do padrão de vida dos produtores rurais, se constitui a partir da combinação entre o conjunto de atividades exercidas pelos integrantes da família e os bens dos mesmos. Veiga (2001) ressalta a importância da presença da agricultura familiar no meio rural brasileiro, visto que uma região rural terá um futuro tanto mais dinâmico quanto maior for a capacidade de diversificação da economia local impulsionada pelas características de sua agricultura.

De acordo com Graziano (1998), a disponibilidade potencial de mão-de-obra ao longo do ano tende a conservar uma margem

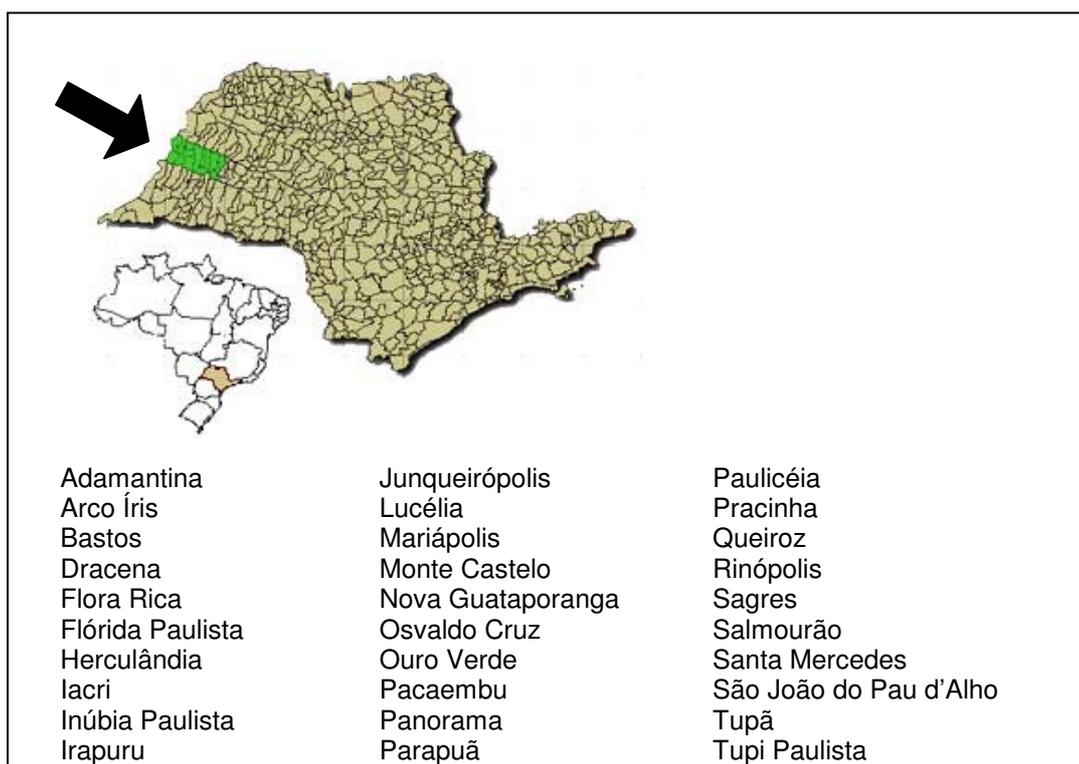
constante, independente das necessidades objetivas de força de trabalho na produção agropecuária. A introdução de uma monocultura ou um sistema tecnológico com necessidades variáveis de mão-de-obra no decorrer do ano tende a desequilibrar a mão-de-obra disponível e a real demandada, acarretando a sub-ocupação ou desocupação da família e a redução da produtividade média de trabalho disponível na unidade familiar. Por isso, tornam-se importantes as técnicas que combinam culturas sob a forma de rotação com a disponibilidade de força de trabalho familiar.

Como cita Testa *et al.* (1996), a assistência técnica também é indispensável para a orientação sobre a utilização adequada da terra e dos recursos tecnológicos e suas aplicações, pois estes variam de acordo com o objetivo final da exploração. É imprescindível que a mesma seja eficiente no que diz respeito à sua capacidade e instrumentação. Ainda segundo afirmações do autor supracitado, o sistema cooperativo e as associações de produtores assumem uma relevância particular, visto que estes sistemas são os mais organizados para potencializar os recursos regionais decorrentes da ampla variedade de produtos agrícolas que tem origem em uma reprodução diversificada, característicos da produção familiar.

Dessa forma, a permanência no cenário agrícola, apesar dos constantes desafios, mostra que esse segmento está em constante mudança, compondo estratégias de sobrevivência e reprodução, as quais dependem do meio, no qual os agricultores familiares estão inseridos.

O contexto do surgimento da região Nova Alta Paulista e sua relação com a fruticultura

A região Nova Alta Paulista, composta por 30 municípios, foi uma das últimas regiões a ser ocupada no estado de São Paulo e passou por intensas mudanças, sobretudo nos últimos 60 anos, como consequência das crises cafeeira, do algodão, etc., que leva até hoje à construção de diferentes estratégias produtivas e de inserção nos mercados, por parte dos agricultores, grandes responsáveis pela economia regional (ver Figura 1).

Figura 2: Região Nova Alta Paulista

A região, que surgiu em virtude do progresso do café e chegou a ser uma das mais prósperas do país, após o encerramento do ciclo de riquezas dessa cultura sofreu um longo período de transformação e adaptação para a agropecuária. O gado, o algodão e o amendoim passaram a ser a nova moeda forte da região. O trem, a industrialização da carne, do amendoim e do algodão acabariam por delinear o progresso da cidade, ligando-a às regiões Noroeste, Sorocabana, norte do Paraná e Mato Grosso.

Além disso, tal situação foi marcada pelo fato da própria agricultura familiar brasileira ser acentuadamente diversificada, tanto em termos da disponibilidade de área, inserção no mercado, quanto disponibilidade de recursos e, ou, condições de extrema pobreza. A diferenciação dos agricultores associou-se à formação dos grupos ao longo da história, pela inserção em paisagens agrárias diferenciadas (BUAINAIN et al., 2005).

Portanto, se observou uma mudança dos sistemas agrários, estes compreendidos como o “(...) modo de exploração do meio ambiente historicamente criado e sustentado, um sistema de produção de forças adaptado para condições bioclimáticas de um dado espaço e correspondendo às condições sociais e necessidades do momento” (MAZOYER et al., 1988). Dessa maneira, certamente consideram-se as profundas transformações ocorridas nessa região.

Historicamente, formou-se no crepúsculo da economia cafeeira e na aurora da economia urbano-industrial brasileira. A primeira, em declínio, não reunia mais forças para impulsioná-la; a segunda canalizava todas as suas energias para os pólos de aglomeração. A população que primeiro a ocupou, em grande parte, fugia das contradições presentes nas áreas cafeeiras consolidadas, que expulsavam os camponeses à medida que concentravam riquezas. Em poucos anos, a massa populacional (especialmente em idade ativa) formada no interior da nova área colonizada foi tragada pelas forças das áreas que se dinamizavam com a concentração da atividade industrial (GIL, 2008).

Fatores de toda sorte: sociais, econômicos, políticos e ambientais contribuíram para a construção de um contexto marcado pela desigualdade de oportunidades que comprometeu o desenvolvimento da região como um todo. O fluxo migratório tanto nos municípios, quanto para fora dos municípios, dá mostras das profundas alterações ocorridas.

No período entre 1970 e 2006, a população da região da Nova Alta Paulista aumentou. Entretanto, pode-se perceber pelo Quadro 1 que a maioria dos municípios (principalmente aqueles de menor porte) tem apresentado historicamente taxas negativas de crescimento.

Pode-se supor que a população das menores cidades da região tem migrado para outras regiões e também para as cidades “pólos” da região. Deve ser ressaltado que alguns municípios, como Paulicéia, por exemplo, que apresentaram altas taxas de crescimento na última década, tiveram como motivo preponderante, nesta evolução, as instalações de penitenciárias estaduais.

Quadro 1: Evolução da população, por município e taxa de crescimento para os anos de 1970, 1980, 1991, 2000 e 2006

	População Total					Crescimento (%)			
	1970	1980	1991	2000	2006	1970/1980	1980/1991	1991/2000	2000/2006
Adamantina	31.798	32.049	32.091	33.497	34.536	0,789	0,131	4,381	3,100
Arco - Íris	-	-	-	2.163	2.303	-	-	-	6,470
Bastos	9.657	15.343	19.116	20.588	21.676	58,880	24,591	7,700	5,280
Dracena	35.347	35.973	39.693	40.500	41.096	1,771	10,341	2,033	1,471
Flora Rica	4.561	2.740	2.380	2.177	2.027	-39,925	-13,139	-8,529	-6,890
Flórida Paulista	17.741	15.180	12.510	11.106	10.068	-14,435	-17,589	-11,223	-9,346
Herculândia	7.587	7.098	7.036	7.992	8.699	-6,445	-0,873	13,587	8,846
Iacri	8.150	9.199	7.038	6.783	6.595	12,871	-23,492	-3,623	-2,771
Inúbia Paulista	5.238	4.290	3.355	3.318	3.291	-18,099	-21,795	-1,103	-0,813
Irapuru	12.058	9.743	8.257	7.457	6.866	-19,199	-15,252	-9,689	-7,925
Junqueirópolis	22.638	21.373	17.708	17.005	16.485	-5,588	-17,148	-3,970	-3,058
Lucélia	20.472	18.709	19.286	18.316	18.681	-8,612	3,084	-5,030	1,992
Mariápolis	7.543	5.326	4.352	3.854	3.486	-29,391	-18,288	-11,443	-9,549
Monte Castelo	6.376	6.140	4.718	4.089	3.624	-3,701	-23,160	-13,332	-11,372
Nova Guataporanga	2.375	2.708	2.133	2.087	2.053	14,021	-21,233	-2,157	-1,629
Osvaldo Cruz	23.377	26.113	28.918	29.648	30.188	11,704	10,742	2,524	1,821
Ouro Verde	7.706	5.854	7.093	7.148	7.189	-24,033	21,165	0,775	0,574
Pacaembu	17.211	15.719	12.365	12.518	12.631	-8,669	-21,337	1,237	0,903
Panorama	6.568	8.073	12.343	13.649	14.614	22,914	52,892	10,581	7,070
Parapuã	11.198	12.273	11.418	11.104	10.872	9,600	-6,967	-2,750	-2,089
Paulicéia	3.385	2.378	4.157	5.302	6.148	-29,749	74,811	27,544	15,956
Pracinha	-	-	-	1.431	1.407	-	-	-	-1,677
Queiroz	3.372	2.299	1.936	2.171	2.345	-31,821	-15,789	12,138	8,015
Rinópolis	14.420	15.161	11.169	10.255	9.579	5,139	-26,331	-8,183	-6,592
Sagres	4.083	3.016	2.653	2.439	2.281	-26,133	-12,036	-8,066	-6,478
Salmourão	4.954	4.778	4.462	4.401	4.356	-3,553	-6,614	-1,367	-1,022
Santa Mercedes	4.903	4.114	2.982	2.803	2.671	-16,092	-27,516	-6,003	-4,709
São João do Pau D'Á	3.733	3.600	2.814	2.180	1.711	-3,563	-21,833	-22,530	-21,514
Tupã	52.537	56.587	61.302	63.333	66.293	7,709	8,332	3,313	4,674
Tupi Paulista	15.720	16.348	14.045	13.286	12.725	3,995	-14,087	-5,404	-4,222
Total	364.708	362.184	357.330	362.600	366.496	-0,692	-1,340	1,474	1,074

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); Censos demográficos, 1970; 1980; 1991; 2000 e 2006.

A busca pela organização, pautada na fruticultura

A formalização da região se deu em 1977, quando foi criada a Associação de Municípios da Nova Alta Paulista (AMNAP) (GIL, 2008). De acordo com a mesma autora, a região representa 3,4% da área, 0,9% da população, 0,83% do PIB do estado de São Paulo. Entretanto, a região mostra-se carente em organização e coordenação dos arranjos produtivos agroindustriais. Essa deficiência demandou a criação do Programa de Desenvolvimento Regional por iniciativa da AMNAP. O programa orienta-se pelas ações que privilegiem os empreendimentos

e produtos que proporcionem maior geração de emprego e renda, e mantenham a atual estrutura de produção em pequenas e médias propriedades. Um dos principais pilares deste programa é a implantação do Pólo Regional de Fruticultura Tropical.

Neste contexto, os produtores rurais familiares consideram a fruticultura uma importante alternativa de geração de renda, sendo esta caracterizada por uma atividade que utiliza mão-de-obra de forma intensiva e compatível com uma reduzida escala de produção para que a atividade seja rentável. Portanto, é um importante setor empregador de mão-de-obra no campo, combatendo a pobreza na zona rural (BAGAILO et al., 2008).

O Brasil é o terceiro maior produtor mundial de frutas. Apesar disso tem-se o mercado interno como principal consumidor. De acordo com Lacerda et al. *apud* Bagaiolo (2008), as frutas tropicais *in natura* não têm fácil acesso aos principais mercados internacionais como a União Européia, Japão e Estados Unidos, com exceção da laranja e da banana, devido principalmente, a questões relacionadas com a segurança do alimento.

O estado de São Paulo é o maior produtor de frutas frescas do Brasil. Segundo uma pesquisa feita pelo Instituto de Economia Agrícola e a Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (IEA/CATI), a produção de frutas (incluindo a laranja) e de olerícolas (verduras e legumes), demandaram quase um terço da força de trabalho empregada na agricultura paulista, em uma área equivalente a apenas 14% do total cultivado com as principais culturas. Demonstrase, assim, a importância social da fruticultura para o estado.

Atribui-se dois fatores ao sucesso da fruticultura paulista; o primeiro diz respeito à sua tradição na atividade proveniente do processo de colonização da região; e o segundo, à proximidade com os maiores centros de consumo nacional. De acordo com IEA (2007), dentre as cinco principais cadeias de produção nas exportações do agronegócio paulista, as frutas estão em terceiro lugar, gerando US\$ 1,73 bilhão, atrás apenas da cana-de-açúcar (US\$ 3,55 bilhões) e dos bovinos (US\$ 2,42 bilhões).

Ainda segundo o IEA (2007), a produção de frutas no estado é bastante diversificada, porém concentrada em culturas como a laranja, que corresponde por 79% do volume produzido, 68% do valor total e 77% da área plantada. A segunda cultura com maior representatividade em termos produtivos é a banana com 7%, seguida do limão (5%) e da tangerina (3%). Com exceção da laranja, que tem sua produção

destinada à indústria de polpas e sucos, os fruticultores paulistas produzem basicamente para o mercado *in natura*.

A fruticultura na região Nova Alta Paulista é indicada como uma atividade com amplas possibilidades de sustentar e estimular o processo de desenvolvimento regional. Existem, nesta região, variáveis significativas que geram condições favoráveis para o desenvolvimento desta atividade, as quais se destacam: as condições edafo-climáticas adequadas para a atividade; o elevado número de pequenas unidades de produção agrícola; a predominância de mão-de-obra familiar; empresas processadoras locais; presença de instituições de pesquisa, extensão e assistência técnica (CATI, UNESP e APTA, dentre outras) e mercados crescentes para frutas e produtos derivados.

A área plantada com acerola no Brasil, no período de 1994-1997 ultrapassou 7000 hectares, o que o colocou na posição de maior produtor mundial (OLIVEIRA e SOARES FILHO, 1998).

Observa-se a ocorrência de plantações de acerola em todo o estado de São Paulo. No entanto, algumas regiões mostram concentração da produção como é o caso da Nova Alta Paulista. Nessa região, é notória a concentração da produção no município de Junqueirópolis, que abriga 117 UPAs e 176,8 ha (Tabela 1), ou seja, 62% da área ocupada com produção de acerola em toda a região está concentrada nesse município. Entretanto, outros municípios têm apresentado expansão mais recente, com pomares em formação, como Pacaembu e Adamantina.

Tabela 1: Municípios da Nova Alta Paulista que produzem acerola, por área e Unidades de Produção Agropecuária (UPA).

Municípios	Área (ha)	UPA
Adamantina	0,8	1
Dracena	62,8	34
Irapuru	21,1	20
Junqueirópolis	176,8	117
Mariópolis	1,0	1
Oswaldo Cruz	0,6	1
Pacaembú	7,0	3
Parapuã	1,0	1
Rinópolis	1,5	1
Sagres	3,7	4
Sta. Mercedes	2,0	1
Tupã	1,5	1
Tupi Paulista	3,6	5
TOTAL	283,4	190

Fonte: SAA/SP-CATI, 2009.

A produção de acerola no município ocorre em pequenas propriedades. Dados da Organização Internacional Agropecuária (2004), revelam que a acerola é cultivada quase exclusivamente em terras próprias. Cerca de 80% das propriedades produtoras de acerola são menores do que 30 hectares.

Os produtores de acerola atuam tanto de forma individual quanto organizados em associação. De acordo com Brigatti et al. (2008), tais produtores apresentam um custo de produção de acerola superior àqueles pertencentes a associações no município. Os dados primários indicaram que os produtores individuais tendem a comercializar seus produtos por meio de intermediários ou diretamente para as agroindústrias locais.

Considerando o município de Junqueirópolis, que abriga a maior concentração na produção de acerola no estado, grande parte dos produtores atua em cooperação na forma de uma associação. A Associação Agrícola de Junqueirópolis foi fundada em 1990, buscando alternativas de diversificação, introduzindo novas culturas no município. Os primeiros plantios de acerola foram em 1991. Desde

então, parcerias com diversas instituições de apoio (citadas posteriormente) colaboraram para melhorias em termos técnicos e gerenciais, o que resultou em aumento de qualidade, produtividade e organização. Em 2009, a associação contava com 91 associados, sendo 64 produtores de acerola. As atividades conjuntas estão relacionadas principalmente com aprimoramento tecnológico e comercialização da produção. A associação mantém estrutura para armazenamento de acerola e está em busca de ampliação da capacidade de resfriamento e armazenamento.

De acordo com a Associação de Produtores de Junqueirópolis, cerca de 30% da produção de acerola foi comercializada na forma de fruta inteira congelada na safra 2008/2009. O restante é comercializado *in natura*, acondicionado em caixas de 7 kg. Os principais clientes são as agroindústrias processadoras. Em muitos casos, há mistura da fruta verde com a fruta madura visando à elevação do teor de Vitamina C.

A acerola pode ser consumida *in natura* ou processada, tanto industrial como artesanalmente. Dentre os produtos processados, as formas mais comuns são o suco pronto, a polpa congelada e o suco concentrado engarrafado (YAMASHITA, 2003). No entanto, a acerola também entra na composição de sorvetes, gomas de mascar, barras nutritivas, iogurtes e chás. A acerola também é utilizada para a fabricação de comprimidos pela indústria farmacêutica (FREITAS, 2006). Sob a forma artesanal são processadas compotas, licores, geléias e recheios de acerola para bombons.

Em 1998, cerca de 60% da produção de acerola era destinada ao mercado interno. A comercialização é realizada das mais diversas formas “mixed” (mistura de sucos de diversas frutas) com 10% de acerola; suco (bebida pronta) com 10% de acerola, polpa congelada, engarrafado; creme hidratante, xampu, condicionador para cabelos, iogurte, cristais de gengibre, vitamina A e creme de massagem para cabelos acrescidos com acerola; geléia, comprimidos mastigáveis de acerola e mel, acerola com mel e própolis, acerola em calda, sorvete, picolé, dropes e balas (OLIVEIRA e SOARES FILHO, 1998).

As indústrias processadoras de frutas tropicais do país processam cerca de 34,40 mil toneladas de acerolas por ano, o que equivale a 7,16% do total de frutas processadas por estas empresas. As acerolas processadas geram aproximadamente 18 mil toneladas de sucos e polpas por ano, concentrando-se a maior parte desta produção na região nordeste (FREITAS et al., 2006).

Na região Nova Alta Paulista estão localizadas duas processadoras de frutas, inclusive de acerola. As processadoras

diferem quanto ao porte e nível tecnológico adotado. Ambas produzem polpa de frutas para mercado de varejo e para outras agroindústrias de segunda transformação. As empresas utilizam fornecedores locais e de outras regiões. Seus mercados variam entre mercado local e regional a mercados nacional e internacional.

Segundo GIL (2008), o fortalecimento da fruticultura na região estimulou a instalação, em 1992, de uma agroindústria processadora de frutas no município de Dracena – a FRUTEZA. Trata-se de uma indústria de capital local certificada tanto para o mercado interno, quanto para o mercado externo. Em 2001, instalou-se no mesmo município outra processadora de frutas – a PODER FRUIT, empresa no ramo de comercialização de frutas na capital paulista.

Devido ao menor nível de organização dos produtores que atuam de forma individual, estes acabam por comercializar seus produtos para as agroindústrias localizadas na região ou por meio de intermediários de vendas. Já a Associação de Agricultores de Junqueirópolis possuem diversos canais de comercialização. Somente o excedente de produção é comercializado na região. A maior parte da produção é comercializada para agroindústrias localizadas em outras regiões de São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais e até mesmo no nordeste brasileiro.

As estratégias da AAJ em busca do fortalecimento da agricultura familiar

De acordo com o relatório do Programa de Fruticultura da Nova Alta Paulista⁶, na região, a acerola é uma cultura extremamente familiar e composta predominantemente por pequenas propriedades - cerca de 80% delas tem menos de 30ha, sendo que metade destes possuem menos de 10 ha (OIA, 2004). A seguir apresenta-se o perfil dos produtores de acerola da região Nova Alta Paulista participantes do programa supracitado. O perfil destes produtores está baseado na caracterização de 115 produtores de acerola distribuídos nos municípios de Junqueirópolis, Irapuru, Dracena e Santa Mercedes.

Verifica-se que cerca de 75% dos fruticultores de acerola fazem parte de grupos de produtores, revelando quão forte é o aspecto

⁶ Promovido pelo SEBRAE, em parceria com o IDES (Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social), a UNESP (Universidade Estadual Paulista / Campus de Tupã) e a OIA Brasil (Organização Internacional Agropecuária), este diagnóstico, que foi realizado junto a 209 fruticultores da região, foi uma das atividades planejadas do projeto Desenvolvimento da Fruticultura da Nova Alta Paulista. (OIA, 2004).

cooperativo entre os produtores. A Associação Agrícola de Junqueirópolis (AAJ) é aquela que apresenta a maior concentração de produtores. De acordo com o mesmo estudo (OIA, 2004), verificou-se que a faixa etária dos produtores é alta. Naquele momento, cerca de 55% dos produtores tinham mais de 50 anos. A presença de jovens produtores (faixa etária abaixo de 35 anos de idade) é relativamente pequena, sendo apenas 9% da amostra analisada. Percebe-se, assim, uma tendência de envelhecimento dos produtores rurais dessa amostra.

Criada em 1990, a AAJ surgiu como mecanismo para transpor as dificuldades de comercialização de seus produtos, em um momento de crise da agricultura (principalmente café) e de marcante êxodo rural na região. Fortalecidos pela cooperação, buscaram novos caminhos, buscando alternativas para geração de renda como o cultivo do maracujá e da acerola em meados da década de 1990. Motivados pela demanda e amplas possibilidades de atender ao mercado externo, a associação desenvolveu, com o apoio da prefeitura local, a variedade *Olivier*, alcançando expressiva produtividade, o que deu ao município a primeira posição no *ranking* estadual (GIL, 2008).

Observa-se que alguns aspectos são muito importantes para a coesão do grupo. Dentre eles, podem ser citados a existência e cumprimento do estatuto interno, a representação política e a liderança marcante dentro do grupo.

Além disso, são identificadas diversas iniciativas de apoio e parcerias entre produtores de acerola e instituições públicas e privadas na região, sendo relevante inclusive em termos de aglomeração de agentes na região. Há um apoio significativo da prefeitura do município de Junqueirópolis para com a Associação, no que se refere, principalmente, ao custeio da infra-estrutura (energia para câmaras frias). Segundo Freitas e Vilpoux (2007), existem ainda outras parcerias relevantes em termos de pesquisa e consultorias (apoio técnico e de formação) fundamentais para o fortalecimento deste arranjo organizacional, tais como: UNESP (Ilha Solteira) que contribui estudos sobre adoção de técnicas de manejo como irrigação e sistemas de condução das plantas e sobre a competitividade da atividade a região; UNESP (Botucatu) que contribui com pesquisa de produtos e subprodutos da acerola; UNESP (Tupã) que contribui com capacitação gerencial de produtores familiares; SEBRAE, em parceria com Instituto Brasileiro de Frutas (IBRAF) com o Projeto “Fruta Paulista”, cujo objetivo é proporcionar aos produtores capacitação em Boas Práticas Agrícolas e marketing; Organização Internacional

Agropecuária (OIA – Brasil) com orientação sobre certificação GLOBALGAP. As parcerias locais também merecem destaque como a prefeitura municipal de Junqueirópolis com apoio na produção de mudas, no processo de certificação e na infra-estrutura e custeio de energia elétrica da associação de produtores e a CATI que contribui principalmente no suporte técnico à produção.

Considerações finais

A região Nova Alta Paulista é de formação recente. Devido às escolhas feitas pelos responsáveis pela gestão dos municípios e aptidões de clima e solo, além das influências culturais, a região apresenta até hoje aptidão para o agronegócio. Assim, teve seu desenvolvimento influenciado pelas políticas macroeconômicas e setoriais, sendo bastante afetada no período de crise dos instrumentos de política agrícola. Características como o elevado número de pequenas propriedades e o caráter familiar das mesmas, colocam a fruticultura como alternativa de emprego e renda para a região.

A introdução da acerola na década de 1990 aconteceu num momento e local propícios ao seu desenvolvimento. Já havia em Junqueirópolis, por exemplo, uma associação que mobilizava produtores em prol da busca de alternativas de desenvolvimento. A cultura se adaptou bem às condições edafo-climáticas e apresentou crescimento e desenvolvimento notáveis, gerando externalidades positivas como inovação e aprendizado resultantes da cooperação entre os produtores. Destaca-se que a cooperação permitiu acesso a um patamar superior de qualidade, ligado principalmente à segurança do alimento. Os produtores envolvidos passaram a ter acesso a diferentes canais de comercialização, ultrapassando a esfera local. Dessa forma, as externalidades proporcionaram aos produtores aumento da eficiência na produção e comercialização de produtos, permitindo maior apropriação monetária. Porém, mais do que isso, possibilitaram a escolha dos canais de comercialização. Assim, a escolha pode ser baseada nos objetivos estratégicos dos produtores. Tal possibilidade é muito relevante, principalmente quando se considera que nem sempre o objetivo dos pequenos produtores, especialmente produtores familiares, é crescer, mas sim atingir um bem-estar considerado adequado.

O arranjo organizacional baseado na cooperação pode proporcionar melhorias que permitam acesso ao mercado sem que isso implique profundas transformações da pequena unidade de produção,

como a contratação de mão-de-obra externa e o aumento da área de produção.

Verificou-se, por meio do resgate histórico apresentado que a região se beneficia da organização dos produtores rurais e do desenvolvimento da agricultura familiar como um todo, conforme o caso da Associação Agrícola de Junqueirópolis em torno da acerola, cujas ações geram externalidades positivas como aumento da renda, manutenção do homem no campo e bem estar social; contribuindo, assim, para o desenvolvimento local e regional.

Ao exemplo desse caso, o arranjo organizacional baseado na cooperação pode ser uma alternativa adequada para agricultores familiares melhorarem as condições de vida. Por fim, reafirma-se a importância das ações de organização baseada na cooperação por parte das instituições de apoio e fomento como um dos catalisadores do desenvolvimento regional.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, J. **O enfoque sistêmico e a interpretação dos processos sociais rurais: usos “redutores” de um pretense paradigma “holístico”**. *Redes*, v. 8, n.1, jan.-abr. 2003.

ALVES, R. E.; MENEZES, J.B. Botânica da Aceroleira. In: SÃO JOSÉ, A.R. e ALVES, E. **Acerola no Brasil: produção e mercado**. Vitória da Conquista: UESB, 1995. 7p.

BERGAMASCO, S. M. P.; NORDER, L. A. C., Os Impactos Regionais dos Assentamentos Rurais em São Paulo (1960-1997) In: MEDEIROS, L. S.; LEITE, S. **A Formação dos Assentamentos Rurais no Brasil: Processos sociais e políticas públicas**. Rio Grande do Sul, Ed. da Universidade, 1999.

BUAINAIN, A. M. et al. **Peculiaridades regionais da agricultura familiar brasileira**. In: SOUZA FILHO, H. M.; BATALHA, M. O. (ORGS). **GESTÃO INTEGRADA DA AGRICULTURA FAMILIAR**. São Carlos: EdUFSCar, 2005. 359 p.

CARMO, M. S.; COMITRE, V. **Sistema Familiar de Exploração Agrícola e Desenvolvimento Rural Sustentável**. In: 47º Congresso SOBER, 2009.

DUFUMIER, M. **La importancia de la tipología de las unidades de producción agrícolas en el análisis-diagnóstico de realidades agrárias**.

Paris: Institut National Agronomique Paris-Grignon. 1995. 20p. (Mimeo).

ELLIS, F. **Rural livelihoods and diversity in developing countries**. Oxford: Oxford University 2000. 273p

FELTRE, C.; BACHA, C. J. C. **A evolução da pluriatividade nos estados de São Paulo e Pernambuco no período de 2001 a 2007**. In: 47º Congresso SOBER, 2009.

FREIRE, F.C.O. Doenças da acerola no Brasil. In: SÃO JOSÉ, A.R. e ALVES, E. **Acerola no Brasil: produção e mercado**. Vitória da Conquista: UESB, 1995. 160p.

FREITAS, C. A. S. F. et al. **Acerola: produção, composição, aspectos nutricionais e produtos**. Revista Brasileira de Agrociência, Pelotas, n. 4, p. 29, 2006. Disponível em: <http://www.ufpel.tche.br/faem/agrociencia/v12n4/artigo02.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2009.

FREITAS, C.G.; VILPOUX, O.F. Associativismo e economia solidária na produção de acerola no município de Junqueirópolis – SP. In: V Encontro Internacional de Economia Solidária. **Anais...**, 2007.

GIL, I. C. **Nova Alta Paulista: 1930-2006: do desenvolvimento contido ao projeto político regional**. São Paulo: Scortecci, 2008.

GRAZIANO DA SILVA, J. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. 2. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1998. 211p.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário 2006**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/2006/default.shtm>. Data de acesso: 25 mar 2011.

JUNQUEIRÓPOLIS. Secretaria de Agricultura de Junqueirópolis. Entrevista pessoal em 31 de março de 2009.

MAZOYER, M. et al. **Sistemas de produção campesinos: Conceitos e resultados**. Santiago de Chile: Grupo de Investigações Agrárias Academia de Humanismo Cristiano, 1988 (Serie Agricultura e Sociedade, 6/88).

OIA – Organização Internacional Agropecuária. **Relatório do Diagnóstico do Projeto de Desenvolvimento da Fruticultura da Nova Alta Paulista**. OIA/IDES/UNESP, 2004.

OLIVEIRA, J.R.P.; SOARES FILHO, W.S. **Situação da cultura da acerola no Brasil e ações da Embrapa Mandioca e Fruticultura em recursos genéticos e melhoramento**. Simpósio de Recursos Genéticos e Melhoramento de Plantas para o Nordeste do Brasil. Petrolina, 1998.

ONU - FAO/INCRA. **Perfil da agricultura familiar no Brasil: dossiê estatístico**. Brasília: FAO/Incra, 1996.

SCHNEIDER, S. **Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade**. Revista Brasileira de Ciências e Sociologia, São Paulo, SP. V. 18, n. 51, p. 99-122, fev.2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092003000100008&lang=pt. Data de acesso: 01 mar 2010.

TESTA V. M.; NADAL, R.; MIOR, L. C.; BALDISSERA, I. T.; CORTINA, N. **O desenvolvimento sustentável do Oeste Catarinense**. Florianópolis: EPAGRI, 1996. 274p.

VEIGA, J. E. **Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula**. São Paulo: Editora Autores Associados, 2002.

YAMASHITA, F. **Produtos de acerola: estudo da estabilidade de vitamina C**. Ciênc. Tecnol. Aliment. 2003, v. 23, n. 1. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010120612003000100019&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 24 mar. 2009.